

A tragédia segundo Edivaldo

Serralheiro do acidente com o cloro depõe e chora. Ele assegura que não quis abrir o cilindro, mas fechá-lo

Kátia Marsicano
Da equipe do **Correio**

Camiseta branca, calça marrom e sandálias de borracha, tipo havaianas. Foi assim que o serralheiro Edivaldo Batista Pereira — o homem que ficou conhecido por ter provocado o acidente com o cilindro de cloro gaseificado em Ceilândia — se apresentou para depor, no final da tarde de quarta-feira, na 23ª Delegacia de Polícia.

Mais magro e com aparência até boa para quem passou 13 dias internado na UTI do Hospital Regional da Asa Norte (Hran), pela primeira vez ele contou oficialmente a sua versão sobre o que aconteceu na noite do dia 12 de janeiro — a noite que, com certeza, ainda vai permanecer por muito tempo na memória dos que viveram o pânico que tomou conta da QNN 6 e intoxicou mais de 150 pessoas e matou uma: a de Maria José Pereira, 49 anos, mulher de Edivaldo.

Durante três dias, agentes da Corregedoria de Polícia Civil estiveram à procura de Edivaldo. Desde que teve alta do Hran, no dia 25, ele não voltou à casa 18, do conjunto O, na QNN 6, na Guariroba, onde tudo aconteceu. E segundo disse ontem em entrevista ao **Correio**, minutos antes de depor, não pretende mais voltar para lá. “Não vou agüentar o vazio daquela casa sem minha mulher”.

Segundo o delegado Gerardo Carneiro, que conduz o inquérito que apura a responsabilidade do serralheiro no acidente, Edivaldo disse que não se apresentou antes porque não sabia que estava sendo intimado. Ele se hospeda em casa de parentes, em Santa Maria, onde vai continuar. Só não sabe até quando. Ontem, foram três horas de depoimento, que só terminou por volta das 9 da noite. As principais perguntas foram respondidas.

TENTOU VENDER

No depoimento, o serralheiro disse ter encontrado os dois cilindros ao lado de uma oficina na QNN 22 e, com a autorização de um funcionário (de que não sabe o nome), levou para casa. Seu objetivo era usar o gás, que julgava ser oxigênio, nos trabalhos de solda, ou vender os cilindros.

Durante cerca de uma semana, Edivaldo guardou os recipientes em casa, até o dia em que encontrou uma revenda desse tipo de produto, na comercial da EQNN 6/8. Foi quando pediu que alguém de lá desse uma olhada nos cilindros, ver se valiam alguma coisa ou se podiam ser usados, mesmo tão enferrujados.

A loja à qual se referiu o serralheiro é a Aragão Ferragens, e os

dois “funcionários” (na verdade, proprietários) confirmaram ontem ao **Correio** ter estado na casa de Edivaldo. Os irmãos Celso e Rejânia Aragão foram procurados duas semanas antes do acidente e viram os cilindros. “Dissemos a ele que aquilo não era oxigênio nem acetileno. O acetileno é vermelho e o oxigênio tem válvulas diferentes”, contou Celso, que trabalha no ramo.

Além de Celso e Rejânia, esteve na casa de Edivaldo um funcionário da empresa Coplagás (de Taguatinga), fornecedora da Aragão Ferragens, que também não identificou a natureza do conteúdo dos cilindros. “Mas ninguém me disse que eram perigosos”, afirma Edivaldo, que negou várias vezes ter tentado abri-los.

Como os cilindros à venda na loja custam R\$ 580 (unidade com 10 metros cúbicos de oxigênio), o serralheiro acreditou que podia vender os dois que havia encontrado. “Ele chegou a nos propor R\$ 200, mas não nos serviam de jeito nenhum”, lembra Rejânia, que garante não ter visto qualquer inscrição referente a conteúdo. (Depois do acidente, verificou-se que havia uma inscrição em baixo-relevo).

Os donos da loja dizem que outra forma usada para descartar a possibilidade de ser oxigênio foi o peso. “Os nossos pesam (cheios) 68 quilos. O dele tinha mais de 100”, explica Celso.

Sobre o que estava fazendo exatamente no momento em que começou o vazamento, Edivaldo Pereira nega a versão de todos os vizinhos, que teriam ouvido marteladas pouco antes do acidente. “Eu tentava colocar um dos cilindros no carrinho de mão. “Mas acabou caindo e quebrando a válvula”. A mesma história Edivaldo contou ao **Correio** e depois ao delegado Gerardo Carneiro.

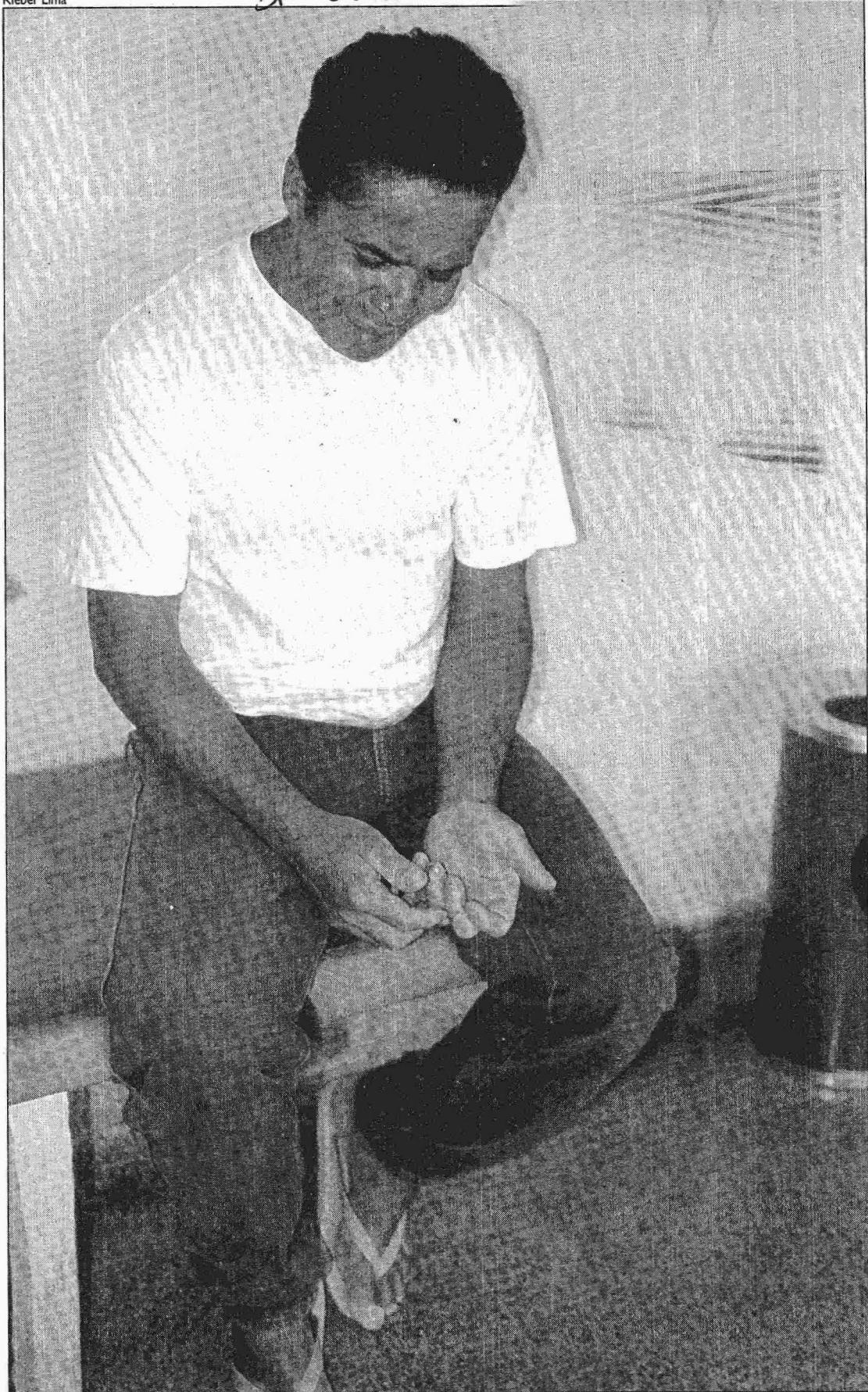
Depois da queda, Edivaldo teria ouvido uma espécie de chiado, como se fosse o início do vazamento. Com o cilindro no chão, pegou uma chave de grifa (ferramenta ajustável que serve para mover peças redondas) e tentou apertar o que restou da válvula quebrada, para conter a liberação de gás. Nessa hora, começou a sair do cilindro um forte jato de gás, de quase 60 metros.

Para evitar que o gás se concentrasse num único local, Edivaldo passou a mover o cilindro em várias direções e o arrastou para fora de casa. (Aí, começa a chorar, lembrando que correu para socorrer a mulher, Maria José, que já passava mal.

Daí em diante, de como foi socorrido e o que aconteceu depois, já no hospital, o serralheiro pouco se lembra. Os depoimentos dos vizinhos prosseguem hoje, na 23ª DP, a partir das 13h.

Kleber Lima

Df - Ceilândia



Edivaldo afirmou, na delegacia, que não tinha noção do risco: “Ninguém me disse que era perigoso”

ENTREVISTA/Edivaldo Batista Pereira

“Tenho pesadelos terríveis”

Correio Braziliense - O senhor recebeu alta do hospital dia 25 e não voltou para casa. Por quê? Teme a reação dos vizinhos?

Edivaldo Batista Pereira - Não vou voltar para lá. Não vou agüentar o vazio (começa a chorar). Minha mulher morreu.

Correio - Vinte e um dias depois do acidente, como o senhor está se sentindo?

Edivaldo - Não consigo dormir. Tenho pesadelos terríveis, com uma gente estranha e muitas flores. Os médicos me deram um remédio para dormir, mas não adianta. O silêncio me incomoda muito.

Correio - O silêncio o incomoda?

Edivaldo - Incomoda... Se eu pudesse, não desligava a televisão. Preciso ouvir barulho o tempo todo para não ficar pensando... Penso muita coisa. Mas estou na casa dos outros. Não posso fazer isso.

Correio - Em que o senhor pensa?

Edivaldo (chorando) - Penso que não consigo mais trabalhar. Sinto muita falta de ar. Sou electricista, serralheiro, pedreiro. Como vou fazer?

Correio - Como o senhor conseguiu aqueles dois cilindros? Sabia o que era?

Edivaldo - Para mim, era oxigênio, mas foram umas pessoas (da Aragão Ferragens) lá em casa e disseram que não era. Se não desse para usar na solda, eu ia vender. Me disseram que valiam quase R\$ 1 mil. Fiquei emocionado com o preço. E não achei os cilindros na rua. Vi numa oficina e pedi para levar.

Correio - Se o senhor não sabia o que era, por que levou os cilindros para casa e depois tentou abri-los?

Edivaldo - Não tentei abrir. Quando peguei os cilindros no depósito da oficina da QNN 22, eu queria usar com solda ou vender. Além disso, eu sou acostumado a mexer com gás. Trabalhei na C. R. Almeida (Construtora), na primeira fase do metrô, e aprendi a usar oxigênio e acetileno.

Correio - Mas os vizinhos disseram que o senhor estava martelando o cilindro.

Edivaldo - Essa versão eu não conheço. Eu estava tentando colocar o cilindro dentro do carrinho de mão que eu tenho, mas, como

é muito pesado, caiu e quebrou o pescoço (a válvula).

Correio - E aí o que aconteceu depois?

Edivaldo - (Abaixa a cabeça e começa a chorar de novo. Depois de alguns segundos, diz apenas que não se lembra. E silencia).